

## **Narrativas de Rachel de Queiroz: modos de (re)contar, modos de (re)inventar-se**

Jailma dos Santos Pedreira Moreira<sup>1</sup>

Como problematizar, através da escrita de Rachel de Queiroz, dos seus relatos, das suas encenações e criações, uma noção de tempo e de sujeito que nos possibilite repensar a subjetividade feminina e a nossa possível relação estética e ética com os saberes? Como pista para desenrolar a questão, começemos com a retomada que a autora faz da sua vida no livro *Tantos anos*, escrito em parceria com a irmã, Maria Luiza de Queiroz (1998). Retomada que serve para repensarmos a cena do retorno em diferença, o gesto de perlaboração da escritora sobre si, nos fazendo ampliar a questão pela via da memória.

Rachel de Queiroz inicia o livro sobre si reclamando da irmã, da sua insistência para que ela escrevesse um livro de memórias. Para Rachel de Queiroz, o gênero memória seria refutável pelo fato de terminar numa construção de uma grande figura humana ou um grande vilão. Um ou outro, o certo é que seria grande de qualquer modo, ou seja, sempre uma celebração. Rachel de Queiroz ainda nos diz que outro fator que condena no gênero seria a propensão, nele embutida, para confissões. Portanto, já de início, no atrito literário com a irmã, afirma que a condição para o livro sair seria a sua liberdade para contar o que quisesse e para não contar o que não quisesse, limitando-se, entretanto, na contramão do que se visualiza no perfil clássico e invertido do gênero, segundo ela, a uma certa fidelidade ao ocorrido.

---

<sup>1</sup> Doutora pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e professora adjunta da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Do que nos diz Queiroz sobre o gênero memória, sobre as formas de lidar com o tempo passado, fica a sua recusa ao maniqueísmo vilão ou mocinho, ou, em termos mais enfáticos, à elevação do sujeito louvada por ele mesmo. Também fica, nesse primeiro registro, a contradição de quem quer fugir das confissões e promete não mentir. Dito isso, Rachel de Queiroz, provocada por sua irmã, retoma o passado, suas histórias. Entretanto, para o que já foi dito, podemos confabular sobre essa possível recusa da escritora em escrever suas memórias.

Ficamos pensando como ela esteve vinculada a isso. Sua escrita enquadrada num movimento literário denominado de regionalismo parecia significar já de imediato uma valorização das tradições, dos modos e tempos de viver locais, interioranos, ultrapassados para aqueles que se instituíam na luta a favor do progresso e da modernização do país. Ao invés do saudosismo, da reminiscência, da preservação de um passado atribuído à regionalista, queremos pensar Rachel de Queiroz de uma outra forma, como ela mesma nos sugere em entrevista concedida aos *Cadernos de Literatura* (1997): como uma não típica regionalista. O que dizer das suas personagens, e dela mesma enquanto personagem feminina que atravessou o século XX e adentrou o XXI? Acaso teríamos nessas imagens de mulheres uma réplica do retrato de um tempo em que às mulheres eram negados direitos, voz e vez?

O que percebemos é uma Rachel de Queiroz enfrentando a vida, quando, por exemplo, aos dezoito anos, já professora, fora chamada pelas alunas para representá-las junto ao diretor autoritário. O que encontramos na escrita de Queiroz são personagens destemidas: Santa de *João Miguel*, com sua resistência política, Conceição em *O quinze* questionando o casamento e interessando-se pelo estudo e não-estudo da população sertaneja, Maria Bonita afrontando Lampião em sua peça de mesmo nome (Queiroz, 1989), entre outras da galeria que constrói, encenando outras possibilidades de produção de si. Com isso, temos o traçado de mulheres que retracejam o seu destino, que falam, gritam e se fazem ouvidas.

Quando reconta a história das mulheres que conheceu, das mulheres da sua família, em geral o que vem à tona, quando destaca a potência de todas elas, o fazer e o não fazer, uma certa liberdade, é a imagem da matriarca. Uma ilha de matriarcas no sertão, na linha da escrita, da leitura e do recontar de Rachel de Queiroz, diria Heloísa Buarque de Hollanda (1997). Para nós, analisando a textualidade de Queiroz, seu texto-vida, sua vida-texto, seus modos de lidar com o recontar, fica a encenação de um devir para as mulheres, um devir matriarcal.

Dessa forma, a resposta de Rachel de Queiroz a uma possível réplica de um tempo certamente não corresponde a uma assertiva presa a uma suposta fidelidade factual. Dessa perspectiva, a sua relação com o conceito de tempo e de passado é móvel. No seu olhar, outros ângulos são vistos, como dissemos, outras mulheres são delineadas, apontando para o cinza fotográfico da memória, para o não mentir atrelado a um intenso trabalho perlaborativo.

Por conseguinte, se as mulheres no passado de Rachel de Queiroz, nas suas narrativas, parecem outras, a valorização, como estávamos pensando, talvez deva ser para o olhar que vê o que passou e que reconta, reinventa. Olhar que, para além das dificuldades, das interdições ao feminino existentes em cada época, aponta sempre para as possibilidades, para outros relatos. Olhar sempre de um presente possível, já no passado, que nos mobiliza a pensar-delinear o aqui e o agora com toda a precariedade. Dessa relação exclui-se o passado fixado e o futuro como expurgador das culpas durante um tempo decorrido. Daí talvez não se querer confessar nada em suas memórias, daí também Queiroz impor a sua deliberada arbitrariedade em seleccionar o que quiser para ser relatado.

Das cenas retomadas por Rachel de Queiroz (1998) sobre sua vida em *Tantos Anos*, ficamos com a imagem da jovem questionadora de um tempo. Postura irrequieta, que sempre a acompanhou e incomodou os críticos, assentados talvez numa suposta linearidade. Fica a imagem da jovem senhora que fora/dentro do livro desconfia do narrar memorialístico. Desconfia talvez dos egos dos escritores escrevendo os mundos, recalçando os outros, que sempre deixam vestígios.

Lembrar a sua vida em parceria com a irmã já aponta para esse constante entrelaçamento com o outro. Um livro de si feito com mais de uma mão. A escrita de si trazendo a escrita-perspectiva de mundos. A Rachel de Queiroz primeira, de um tempo que se negava à mulher; a Rachel que pareceu viver um outro tempo, tamanha era a sua investida. Para um tempo em que a mulher não estudava, uma Rachel de Queiroz autodidata; para um tempo em que se batalhava o voto feminino, uma Rachel de Queiroz que ajudou a fundar o partido comunista no Ceará; para um tempo em que a Academia de Letras reiterava a simbologia do cânone composto só de homens, a Rachel de Queiroz que foi a primeira mulher a adentrá-la; para um tempo em que a mulher era discriminada por gerir o seu destino, uma Rachel de Queiroz que casou e descasou e que transitava com uma certa liberdade entre o Ceará, o Rio e outros Estados.

Uma certa liberdade é percebida na sua primeira cena pública, com o romance *O quinze*, aos dezenove anos. A escrita deveria ser burilada,

enxugada, cortando todos os penduricalhos que poderiam denotar um estilo feminino água com açúcar, para que pudesse ser aceita no rol daquela escrita masculinizada (*Cadernos de Literatura*, 1997). Talvez o gesto quisesse dizer: não àquilo que fizeram do feminino, mas sim ao estilo considerado masculino de escrever como estratégia para ser aceita. E nessa luta, contra o que fizeram do feminino, talvez tenha irrompido a escrita de Rachel de Queiroz, basta nos lembrarmos da não vitimização, da não fragilidade de suas personagens.

Essa liberdade incerta aponta para esse enredamento nas malhas culturais, esse depender do outro, esse fazer-se e refazer-se em relação ao outro. Essa subjetividade social, esse sujeito em certo sentido sujeitado a forças que o capturam, que o produzem, que tomam as rédeas da sua contranarrativa. Assim percebemos Rachel de Queiroz na época do golpe militar: numa sujeição a um querer outro que se tornara seu. Assim também percebemos certos comportamentos de mulheres e de homens que se sujeitam a modelos construídos, a modos de pensar que interiorizam, a saberes que foram naturalizados. Talvez devêssemos com a escritora desconfiar do maniqueísmo desses saberes, desconfiar das memórias que repetiram esses saberes. Desconfiar, também com Rachel de Queiroz, dos perigos reativos das estratégias masculinizadas de inserção, perceber a diferença, sem desconsiderar o risco, entre mover-se estrategicamente e ser capturada por uma tática que apontava para outra perspectiva, outra práxis-teórica. Ou seja, perceber a repetição – como uma espécie de inversão – somente como provisoriamente, como estratagema criando um tempo de diferenças, mas desconfiar sempre do perigo do mesmo na repetição, ou de uma diferença que não faz diferença.

Retomar a retomada que Rachel faz da sua vida em tantos anos é estar atenta a isso: a esse sujeito insubordinado e subordinado que se esboça; esse sujeito Rachel que é escritor e personagem ao mesmo tempo; esse sujeito diverso, múltiplo, contraditório e sempre em via de fazer-se e refazer-se. Rachel de Queiroz, no seu livro *Tantos Anos* (1998), reencena, sem procurar confessar culpas, seu devir reativo no cenário da ditadura, assim como encena o seu devir ativo no contexto do Estado Novo. O desejo da escritora, também personagem de um cenário de luta e restrição, de fazer publicar seu romance *João Miguel*, sem modificar, por exemplo, o retrato da personagem feminina, como queria o líder do Partido Comunista que fora obrigada a consultar, contrapõe-se a uma outra Rachel que faz repetir um desejo de um grupo com o qual ela interage no período de um golpe militar.

A vontade de fidelidade, portanto, revela o seu perigo: a repetição pode ser de uma memória imposta ou capturada, de práticas de sentido que sobrepujam o devir ativo, o desejo, a desconfiança, amortecendo o corpo e a vida. Suas personagens também carregam essa contradição discursiva, essa subjetividade (en)gendrada. A Maria Bonita, da peça *Lampião*, já no primeiro ato irrompe contra todo o constructo de fragilidade e passividade atribuído a mulheres, mas recai no modelo de subjetividade produzida para homens sertanejos quando solicita do seu primeiro marido um estatuto de coragem e valentia já fixado em *Lampião* (Queiroz, 1989).

Dessa forma, para a vontade de fidelidade de Rachel de Queiroz, talvez devêssemos nos lembrar da sua infidelidade ao Partido Comunista, quando este impusera os caminhos da sua narrativa, o delineamento da sua personagem feminina. Esquecer a fidelidade, também em nós instituída, talvez insurja como uma questão de saúde ou, então, deveríamos nos lembrar de não esquecer essa vontade de fidelidade interiorizada como sintoma de que se deve ter desconfiança, como signo de um capital cultural mundial integrado, um capital patriarcal colonizador, que incessantemente reestabelece seus meios de captura das subjetividades. O não-mentir postulado no início, como nos mostra uma das Rachéis, deve obedecer, portanto, a um desejo singular, que se torna infiel a um outro ponto de vista que cerceie o seu modo de ver, um ponto de vista que, feito lei factual, tem fixado a mulher num lugar e tempo pré-determinados.

Com Rachel de Queiroz no ato de escrever sobre si, de retomar seus tantos anos, de criar suas tantas personagens, que são como máscaras para ela, que também é uma personagem, assim como escritora, percebemos a multiplicidade de sujeitos ou o sujeito uno em sua multiplicidade, a subjetividade em contradição e produção pelas linhas subordinadas e insubordinadas de quem escreve, lê e reescreve. O tecido da memória é como página em branco, ou bloco mágico, como diria Freud (1996), feito superfície sobremarcada, de cera ou resina, que se faz recoberta por folha fina sempre pronta a ser sulcada e que, ao ser levantada, possibilita junto à resina mnemônica visibilizar as marcas e remarques que apagam e se acendem.

Nesse ponto, pensando na forma de retomar as linhas de tempo e de vida de Rachel de Queiroz, pensando nos seus relatos de tempo-vida de mulheres, nos relatos que fazemos sobre as nossas vidas, talvez devêssemos nos perguntar: que traços dessa superfície queremos desrecalcar e com que propósito? Que traços queremos delinear? O que lembrar? O que esquecer? Por que desconfiar desses conceitos? Que

estratégias saudáveis buscar nesse jogo de linguagem que reconstitui quem fomos como passo para buscar o que queremos ser? Como lidar com essa significação sobre os sujeitos estando atenta a uma fixidez dos saberes, a uma fluidez das práticas de reterritorialização, a uma racionalidade que quer ditar o traçado da escrita e temporalizar as relações que temos com o tempo?

Talvez experimentar ler Rachel de Queiroz, seu ato de releitura, seu corpo transfigurado, extenuando comportas temporais e sempre aberto a outras significações, nos ajude a pensar nessas questões. Podemos, inclusive, no seu ato de seleção das marcas que quer ativar, nos perguntar que outros saberes Rachel de Queiroz engendra sobre si, sobre as mulheres, sobre os homens, sobre o mundo. Por enquanto, talvez pudéssemos ter como resposta a possibilidade, de uma espécie de saber narrativo e dramático que se esboça em e com Rachel. Saberes que, segundo Eneida Maria de Souza (2002), na esteira de Lyotard e Barthes, apontam para uma desmitificação das metanarrativas legitimadoras da ciência e da integridade ilusória do sujeito. Nesse sentido, segundo Souza, Barthes privilegia o saber da escritura como enunciação, colocando-o em desacerto com o saber da ciência, enquanto Lyotard, valendo-se da metáfora do relato, denuncia a inoperância confirmada dos grandes textos circunscritos a projetos totalizantes e autoritários. A literatura é enfatizada nas suas maquinarias desejanças e traduziria, na sua estrutura dramática, o inconsciente e a linguagem. O texto, a escritura ou o saber dramático suplantando o saber epistemológico, operando nos interstícios da ciência, promoveria uma reflexão incessante sobre o saber ao tempo em que efetivaria a encenação de subjetividades, o distanciamento e simulação do sujeito-ator na cena enunciativa.

Assim, o sujeito é percebido enquanto bloco, escrito e reescrito, marcado e remarcado; a escrita de sua vida, sua biografia, como biografema, uma imagem sempre fragmentada contra o estereótipo insustentável da totalidade e da fidelidade. Nessa linha, para o sujeito cognoscente teríamos, então, o sujeito como texto, ser de papel, ser de linguagem que se dilui e surge na escrita que o substitui e o suplementa. Para Rachel de Queiroz, teríamos a força da sua enunciação dizendo já de início da sua necessidade de seleção dos traços. Contra certos esquecimentos que recalçaram mulheres, suas perspectivas, suas inquietações, suas contradições discursivas, parece rememorar, perlaborar, inventar suas personagens de forma que, por vezes, não separamos a escritora de si e a personagem que se apropria da história, feito Maria Bonita na peça *Lampião* (Queiroz, 1989), a personagem que toma pé do

seu discurso; a mulher que aproveita o espaço da escrita, espaço sobremarcado como o da memória, para reinventar-se, para reinventar-nos, utilizando então, já de uma forma ativa, a estratégia do esquecimento.

O esquecimento que, como nos alerta Deleuze (1988), relendo Foucault, não se opõe à memória, pois ela é sempre esquecida para se refazer. Essa memória do futuro “é o verdadeiro nome da relação consigo, ou do afeto de si por si” (Deleuze, 1988, p. 115). Como diria o próprio Foucault (1997, p. 129), a memória-esquecimento estaria na releitura da escrita pessoal, de modo a se reatualizar o que contém, a fazer um exame das riquezas nela depositadas, lançando um olhar retrospectivo sobre a própria vida, transvalorando, esquecendo, apagando, como diria Freud (1996).

Nessa linha de seleção de imagens, de marcas e, com isso, de possibilidade de esquecimentos ativos, seu texto também tem caráter de relato pela rasura que faz de um saber oficial, por deixar a porta aberta para uma estética que aponta para outras possibilidades, assim como para a necessidade de uma ética, de uma politização que fuja da moral, da culpa, da coerção sorrateira, da fidelidade que, tornando-se infiel, ativa as maquinarias desejanças da literatura dramática do inconsciente, que deve repercutir no social. Perguntar por quem rememora, quem escreve, o que quer e o que pode com essa escrita; que peso atribuímos a ela perante os discursos biológicos, matemáticos, historiográficos e tantos outros que, pautados por uma cientificidade ou legitimidade cotidiana, negaram a mulheres o seu direito de se expressar dizendo o que elas deveriam ser, é questão chave em Rachel de Queiroz.

Para isso, talvez devêssemos reter a fala-imagem da escritora que aponta para um certo domínio de si: “Se quiser conto, se não quiser não conto.” (Queiroz, 1998, p. 11). Reter a sua inquietação em retomar o passado e sua história. Retomar afirmando-se enquanto sujeito da enunciação, afirmando sua perspectiva, sua fragmentaridade contra qualquer ilusão de fechamento. Retomar para saber de si, ou seja, produzir um saber não fixo sobre si. Um saber de si que fique vinculado ao cuidado de si e não uma espécie de apagamento dessa necessidade nos moldes de uma vontade de saber que se afirmou como vontade de verdade, consciência de si, saber a ser desvelado pela via da interioridade e da transcendência, repercutindo numa renúncia de si e do viver aqui e agora.

Essa seria a exigência que visualizamos na memória coletiva, na encenação de personagens no texto Rachel de Queiroz: ouvir o outro em nós. Retomar as outras perspectivas, outras temporalidades, inconscientes, infielis, maquinicas, por uma questão de saúde. Daí atentar para o devir

literário, o devir do sujeito no texto e com o texto, o devir Rachel de Queiroz de Rachel de Queiroz, que faz do seu recontar uma memória em diferença, uma reinvenção dos papéis femininos e do espaço-tempo em que estes são encenados.

### Referências bibliográficas

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, *Rachel de Queiroz*. n.4. São Paulo: Instituto Moreira Salles, set./1997.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. Tradução de Cláudia Sant'Ana Martins. São Paulo: Brasiliense, 1988.

FREUD, Sigmund. Uma nota sobre o bloco mágico. In: *Obras completas*. V. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FOUCAULT, Michel. A hermenêutica do sujeito. In: *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Tradução de Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. O *éthos* Rachel. In: *Cadernos de Literatura Brasileira - Rachel de Queiroz*. n.4. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1997.

PEDREIRA, Jailma dos Santos. *Sob a luz de lampião: Maria Bonita e o movimento da subjetividade de mulheres sertanejas*. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2003.

\_\_\_\_\_. *O artesanato de si: uma leitura do devir matriarcal a partir de Rachel de Queiroz*. Tese (Doutorado em Letras e Linguística). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2008.

QUEIROZ, Rachel de. *Obra completa*. Vols. 1-5. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1989.

QUEIROZ, Rachel de; QUEIROZ, Maria Luíza de. *Tantos anos*. São Paulo: Siciliano, 1998.

SOUZA, Encida Maria de. *Crítica cult*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

### **Resumo**

Trata-se de uma leitura da textualidade da escritora Rachel de Queiroz, a fim de se observar a relação entre narratividade e subjetividade. Para tanto, enfocaremos seu livro autobiográfico feito em parceria com sua irmã Maria Luiza. Nesse intento, procuraremos observar algumas questões como a escrita que conta com mais de uma mão, a relação com a memória, as formas de (re)invenção de si e de outras mulheres sertanejas, a confluência desse movimento com as representações já feitas e/ou sempre abertas a se refazerem, bem como um certo domínio do mecanismo discursivo da escrita de si. Dessa forma, com um olhar pós-crítico, agenciando estudos culturais feministas, pontos de uma crítica biográfica contemporânea e estudos filosóficos, procuramos discutir tais questões levando em conta o gesto de perlaboração, a noção de sujeito enquanto biografema, as perspectivas temporais, a relação entre saber (contar) de si e cuidar de si, entre ética e estética, entre compromisso teórico intelectual e conhecimento não separado da práxis.

**Palavras-chave:** biografema, (re)invenção, perlaboração, estético-ético-cultural

### **Abstract**

This is a textual reading of the writer Rachel de Queiroz, in order to observe the relationship between narrative and subjectivity. In order to do this, we focus on her autobiography in partnership with her sister Maria Luiza. In this attempt, we will try to observe some questions, such as the writing done by more than one hand, the relation with memory, the forms of self (re)invention and of other backcountry women, the convergence of this movement with the representations already made and/or always open to remake, as well as a certain domain of discourse mechanism of self writing. Thus, with a post-critical look, articulating feminist cultural studies, points to a critical biography and contemporary philosophical studies, we discuss such issues considering the act of working through, the

notion of subject as biografema, temporal perspectives, the relationship between (self) knowledge to talk about and take care of oneself, between ethics and aesthetics, theoretical and intellectual commitment, knowledge and praxis.

**Keywords:** biografema, (re)invention, working through, aesthetic-ethical-cultural